

Edição Temática: Diversidade Étnica e Cultural na Medicina: Saberes, Práticas e Desafios Contemporâneos

PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA COMO QUESTÃO CRÍTICA DE GÊNERO: DIVERSIDADE, DIREITOS E INIQUIDADES

*BREAST CANCER PREVENTION AS A CRITICAL GENDER
ISSUE: DIVERSITY, RIGHTS, AND INEQUALITIES*



e-ISSN 2525-5851
Centro de Ciências
Médicas/UFPB

**Emmanuel Barbosa Sobral
Menezes
Flávio Joel de Souza
Isadora Mayza de Andrade
Moura
Maria Klara Pontes Ribeiro
Felipe
Thalison Ryan Belizio
Gomes**
Estudantes de Graduação em
Medicina da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB)

**Contato para
correspondência:**
flavio.souza@academico.ufpb.br

RESUMO

Objetivo: Apresentar uma reflexão crítica a partir da experiência de elaboração de um folder educativo por estudantes da disciplina Diversidade Étnica e Cultural na Medicina da Universidade Federal da Paraíba, problematizando a prevenção do câncer de mama como prática social e política. **Descrição da experiência:** Foi elaborado um folder educativo, no formato tríptico, como tecnologia educacional impressa voltada à promoção da saúde e à prevenção do câncer de mama no contexto das ações do Outubro Rosa. O material foi fundamentado nos princípios da educação em saúde crítica, da comunicação em saúde e da perspectiva de gênero e diversidade, superando abordagens exclusivamente informativas. Organizado em blocos temáticos interdependentes, o folder combinou informações técnico-científicas, linguagem acessível e elementos visuais simbólicos. A mensagem central “Outubro Rosa é todo dia” foi utilizada para afirmar a prevenção como prática contínua e direito em saúde, reforçando seu caráter ético e político ao articular cuidado, equidade e cidadania. **Discussão:** A análise evidencia que o acesso à informação, ao rastreamento e ao cuidado não se distribui de forma equânime, afetando de maneira desproporcional mulheres negras, populações em situação de vulnerabilidade social e pessoas trans e não binárias designadas mulheres ao nascer. Defende-se que estratégias educativas, quando orientadas por uma perspectiva interseccional, podem atuar como dispositivos de enfrentamento das iniquidades em saúde e como ferramentas formativas para uma medicina comprometida com os direitos humanos, a equidade e a justiça social. **Considerações finais:** A elaboração do folder educativo sobre câncer de mama como uma questão crítica de gênero, atravessada por desigualdades raciais, sociais e identitárias, constituiu uma experiência formativa relevante, ao integrar educação em saúde, diversidade de gênero e reflexão sobre desigualdades étnico-raciais. A prevenção do câncer de mama, não pode ser tratada exclusivamente como uma ação técnica e biomédica, mas também uma questão crítica de gênero, atravessada por desigualdades raciais, socioeconômicas e por disputas em torno do reconhecimento de identidades e direitos.

Palavras-Chave: Câncer de mama; Gênero e saúde; Iniquidades em saúde; Direitos em saúde Prevenção em saúde; Educação médica.

Submetido em: 15/08/2025
Aceito em: 25/09/2025
Publicado em: 27/12/2025

Como citar este artigo: Menezes EBS, Souza FJ, Moura IMA, Felipe MKPR, Gomes TRB. Prevenção do câncer de mama como questão crítica de gênero: diversidade, direitos e iniquidades. Rev Med Pesq. 2025;6(3): 9- 17.

ABSTRACT

Objective: To present a critical reflection based on the experience of creating an educational brochure by students of the Ethnic and Cultural Diversity in Medicine course at the Federal University of Paraíba, **problematizing breast cancer prevention as a social and political practice.** Description of the experience: An educational brochure, in triptych format, was created as a printed educational technology aimed at promoting health and preventing breast cancer in the context of the Pink October campaign. The material was based on the principles of critical health education, health communication, and a gender and diversity perspective, going beyond exclusively informative approaches. Organized into interdependent thematic blocks, the brochure combined technical-scientific information, accessible language, and symbolic visual elements. The central message "Pink October is every day" was used to affirm prevention as a continuous practice and a health right, reinforcing its ethical and political character by articulating care, equity, and citizenship. **Discussion:** The analysis shows that access to information, screening, and care is not distributed equitably, disproportionately affecting Black women, populations in situations of social vulnerability, and transgender and non-binary people assigned female at birth. It is argued that educational strategies, when guided by an intersectional perspective, can act as devices for addressing health inequities and as formative tools for a medicine committed to human rights, equity, and social justice. **Final considerations:** The development of the educational brochure on breast cancer as a critical gender issue, intersected by racial, social, and identity inequalities, constituted a relevant formative experience, integrating health education, gender diversity, and reflection on ethnic-racial inequalities. Breast cancer prevention cannot be treated exclusively as a technical and biomedical action, but also as a critical gender issue, intersected by racial and socioeconomic inequalities and disputes surrounding the recognition of identities and rights.

Key-words: Breast cancer; Gender and health; Health inequities; Health rights; Health prevention; Medical education.

1 INTRODUÇÃO

A prevenção do câncer de mama ocupa lugar central nas políticas públicas de saúde e nas campanhas de conscientização no Brasil, especialmente no contexto do Outubro Rosa. No entanto, a forma como essa prevenção é concebida e operacionalizada frequentemente desconsidera as profundas desigualdades que estruturam o acesso à informação, ao diagnóstico precoce e ao tratamento [1]. Longe de constituir apenas uma questão técnica em saúde, a prevenção do câncer de mama revela-se como um campo atravessado por relações de poder, marcadores sociais da diferença e disputas em torno do direito à saúde.

No Brasil, o câncer de mama é o tipo de câncer mais incidente entre mulheres, com estimativas superiores a 70 mil novos casos anuais [2,3]. Apesar dos avanços científicos, persistem importantes assimetrias nos desfechos da doença, particularmente no que se refere à mortalidade de mulheres negras e ao diagnóstico tardio em grupos socialmente vulnerabilizados. Tais desigualdades apontam para a insuficiência de abordagens universalizantes que ignoram os contextos sociais, raciais e culturais nos quais o adoecimento ocorre [4].

Além disso, a prevenção do câncer de mama tem sido historicamente construída a partir de uma noção restrita de "mulher", ancorada em pressupostos cisnormativos e biologizantes, que invisibilizam homens trans e pessoas não binárias designadas mulheres ao nascer que mantêm as mamas. Essa exclusão simbólica e institucional produz barreiras adicionais ao cuidado e reforça processos de estigmatização e negligência em saúde [5].

O objetivo deste trabalho é refletir criticamente sobre a prevenção do câncer de mama como uma questão de gênero, diversidade e direitos, a partir da experiência de elaboração de um folder educativo por estudantes de medicina, analisando suas potencialidades como estratégia de educação em saúde e formação médica comprometida com a equidade.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Um folder educativo foi desenvolvido como uma tecnologia educacional impressa, no formato tríptico, voltada à promoção da saúde e prevenção do câncer de mama, no contexto das ações do Outubro Rosa. Sua concepção baseou-se em princípios da educação em saúde crítica, da comunicação em saúde e da perspectiva de gênero e diversidade, buscando ultrapassar abordagens meramente informativas e normativas.

O material foi organizado em blocos temáticos interdependentes, combinando informações técnico-científicas, linguagem acessível, elementos visuais simbólicos e mensagens de valorização da vida e do cuidado, com o objetivo de favorecer a compreensão, a reflexão e o engajamento do público-alvo.

O conteúdo foi criado com intencionalidade pedagógica no contexto na diversidade em saúde. Na face externa (frente), a mensagem central “Outubro Rosa é todo dia” foi utilizada como estratégia discursiva para desnaturalizar a ideia de prevenção restrita a campanhas pontuais, enfatizando o cuidado como prática contínua e como direito em saúde. A mensagem central foi acompanhada da imagem de um braço segurando o laço rosa, símbolo internacional da conscientização sobre o câncer de mama. O texto reforça o caráter ético e político da prevenção ao afirmar que “cuidar da saúde é um direito” e que prevenir também é um ato de equidade, deslocando a campanha de uma lógica pontual para uma compreensão contínua do cuidado. A escolha de uma linguagem afirmativa e inclusiva buscou reforçar a dimensão ética e política da prevenção, articulando saúde, cidadania e equidade. A frente do folder apresenta-se como um tríptico informativo com identidade visual vinculada à campanha Outubro Rosa, utilizando paleta em tons de rosa e elementos gráficos simbólicos do cuidado, da diversidade e da equidade em saúde.

No painel esquerdo, o conteúdo aborda quem deve realizar mamografia periodicamente, apresentando as diretrizes do SUS para mulheres cisgênero entre 50 e 69 anos, com rastreamento a cada dois anos. De forma explícita, o material incorpora uma perspectiva de gênero, afirmando que homens trans e pessoas não binárias, designadas mulheres ao nascer e que mantêm tecido mamário, também devem ser incluídas nas estratégias de rastreamento, com respeito à identidade de gênero, ao nome social e à escuta qualificada nos serviços de saúde. O painel também esclarece que o autoexame não substitui a mamografia, ressaltando seu papel complementar no autoconhecimento corporal.

No painel direito, o folder apresenta o tema “Outubro Rosa: prevenindo o câncer de mama”, articulando prevenção com inclusão, respeito às diversidades e enfrentamento das desigualdades de gênero, raça e acesso aos serviços de saúde. A presença de ilustrações representando mulheres diversas e símbolos de gênero reforça visualmente a mensagem de pluralidade e inclusão. O rodapé institucional identifica o vínculo com o Centro de Ciências Médicas (CCM/UFPB), situando o material no âmbito acadêmico com parte das atividades da disciplina de Diversidade Étnica e Cultural na Medicina, reafirmando o compromisso do projeto pedagógico do curso com a promoção da saúde baseada em direitos, diversidade e justiça social.

No bloco “Quem deve fazer mamografia periodicamente?”, o folder apresenta as recomendações oficiais do Sistema Único de Saúde (SUS) para rastreamento mamográfico, ao mesmo tempo em que incorpora explicitamente pessoas historicamente invisibilizadas nas políticas de prevenção, como homens trans e pessoas não binárias que mantêm tecido mamário. Essa inclusão não se restringe a um ajuste terminológico, mas expressa uma posição crítica frente às normativas biomédicas centradas exclusivamente na categoria “mulher”, problematizando a relação entre corpo, gênero e acesso aos serviços de saúde.

O verso do folder aprofunda a abordagem educativa e crítica, organizando o conteúdo em três colunas temáticas. Na coluna esquerda, intitulada “Saúde para todas as pessoas”, o material afirma que mulheres cisgênero, homens trans e pessoas não binárias com tecido mamário têm direito ao rastreamento mamográfico pelo SUS. São destacados princípios fundamentais do cuidado em saúde, como respeito ao nome social e à identidade de gênero, rastreamento sem discriminação ou constrangimentos e cuidado acolhedor e qualificado, reforçando a dimensão dos direitos humanos na atenção à saúde. Na coluna central, sob o título “Direitos em saúde e acesso pelo SUS”, o folder explicita que o acesso ao cuidado é um direito garantido pelo Sistema Único de Saúde. São apresentadas informações objetivas sobre a gratuidade da mamografia, os critérios etários para rastreamento e o acesso à Unidade Básica de Saúde como porta de entrada do sistema. Reitera-se que o autoexame não substitui a mamografia, reforçando a importância do cuidado integral e da atenção profissional.

Na coluna direita, intitulada “Desigualdades de gênero e raça”, o folder adota uma abordagem interseccional ao evidenciar que mulheres negras, periféricas, indígenas, pessoas trans e em situação de vulnerabilidade social enfrentam maiores barreiras no acesso à prevenção e ao diagnóstico, resultando frequentemente em detecção tardia e piores desfechos em saúde. O texto explicita a presença do racismo, do machismo, da transfobia e da exclusão estrutural como determinantes sociais da saúde, concluindo com a afirmação de que prevenir também é lutar por

equidade.

A explicitação de que o autoexame não substitui a mamografia foi acompanhada de uma abordagem não culpabilizante, valorizando o autoconhecimento corporal sem transferir para o indivíduo a responsabilidade exclusiva pela detecção precoce, o que se alinha a uma crítica à medicalização e ao discurso individualizante do risco.

Ao apresentar dados sobre a magnitude do câncer de mama no Brasil, o folder introduz uma leitura interseccional das desigualdades em saúde, destacando que mulheres negras, periféricas, indígenas e pessoas trans enfrentam maiores barreiras de acesso à prevenção, diagnóstico e tratamento. Essa estratégia discursiva desloca o foco do risco exclusivamente biológico para uma compreensão ampliada dos determinantes sociais da saúde, reforçando a necessidade de políticas e práticas mais equitativas.

No bloco sobre fatores de risco, além dos aspectos comportamentais e biológicos, o material evidencia iniquidades raciais e de gênero, ao mencionar a maior frequência de subtipos agressivos e diagnósticos tardios entre mulheres negras. Tal abordagem contribui para romper com narrativas universalizantes, promovendo uma leitura crítica da epidemiologia e de seus atravessamentos sociais.

A descrição dos sinais e sintomas foi organizada de forma clara e objetiva, priorizando a legibilidade e a utilidade prática, sem recorrer a termos alarmistas. O convite explícito à busca por atendimento reforça o papel dos serviços de saúde como espaços de acolhimento, e não apenas de diagnóstico, dialogando com os princípios da Política Nacional de Humanização.

Nos blocos finais, ao abordar prevenção, mamografia e acesso aos serviços, o folder enfatiza que o cuidado deve ser realizado com respeito à identidade de gênero, ao nome social e à escuta qualificada, reafirmando o direito a um atendimento livre de discriminação. Dessa forma, o material ultrapassa a função informativa e se configura como um instrumento de advocacy em saúde, ao explicitar direitos e estimular a autonomia dos sujeitos.

Figura 1. Folder educativo (frente) “Outubro Rosa é todo dia: prevenindo o câncer de mama com informação, direitos e inclusão”, elaborado como tecnologia educativa em ação de promoção da saúde, com abordagem crítica de gênero, diversidade e equidade no cuidado



Figura 2. Folder educativo (verso) “Outubro Rosa é todo dia: prevenindo o câncer de mama com informação, direitos e inclusão”



Fonte: Os Autores (2025)

3 DISCUSSÃO

Enquanto tecnologia educativa, o folder mostrou-se um recurso potente para ações de educação em saúde em contextos comunitários, acadêmicos e institucionais, podendo ser utilizado tanto de forma autônoma quanto articulado a rodas de conversa, atendimentos coletivos e atividades extensionistas. Sua elaboração e utilização favoreceram a reflexão crítica dos envolvidos acerca das relações entre gênero, corpo, cuidado e acesso à saúde, contribuindo também para a formação ética e humanística de estudantes da área da saúde. Nessa perspectiva, a experiência pedagógica demonstrou que a produção de materiais educativos, quando orientada por uma perspectiva crítica e interseccional, pode atuar como dispositivo pedagógico e político, ampliando o alcance das ações de prevenção do câncer de mama e promovendo práticas de cuidado mais inclusivas, equitativas e humanizadas [10,11].

O folder educativo “Outubro Rosa é todo dia”, elaborado nesta experiência, pode ser compreendido como uma tecnologia educacional em saúde que ultrapassa a função meramente informativa, configurando-se como um dispositivo pedagógico, comunicacional e político. Ao incorporar explicitamente a perspectiva crítica de gênero, diversidade e equidade, o material dialoga com abordagens contemporâneas da promoção da saúde, que compreendem o cuidado como um fenômeno socialmente situado e atravessado por relações de poder, desigualdades estruturais e determinantes sociais da saúde. A própria opção afirmativa de que “Outubro Rosa é todo dia” tensiona a lógica de campanhas pontuais e episódicas, frequentemente criticadas na literatura por reduzirem a prevenção a ações simbólicas e descontextualizadas. Essa estratégia discursiva aproxima-se do entendimento de que a promoção da saúde deve ser contínua, territorializada e integrada às práticas cotidianas dos serviços, conforme proposto pela Organização Mundial da Saúde e pelas diretrizes do SUS, especialmente no campo da educação em saúde crítica [12].

A inclusão explícita de homens trans e pessoas não binárias com tecido mamário no público-alvo do rastreamento mamográfico representa um deslocamento epistemológico relevante frente às abordagens biomédicas tradicionais, que tendem a naturalizar o corpo feminino cisgênero como único locus da prevenção do câncer de mama. Tal escolha dialoga com a literatura que problematiza a cisnormatividade nos serviços de saúde e aponta como a invisibilização de identidades dissidentes de gênero produz barreiras simbólicas e institucionais ao acesso ao cuidado, contribuindo para iniquidades em saúde [14].

Além disso, o folder incorpora uma leitura interseccional das desigualdades, ao evidenciar que mulheres negras, periféricas, indígenas, pessoas trans e em situação de

vulnerabilidade social enfrentam maiores obstáculos no acesso à prevenção, ao diagnóstico precoce e ao tratamento do câncer de mama. Essa abordagem está alinhada às contribuições de autoras e autores que compreendem raça, gênero e classe como eixos estruturantes das iniquidades em saúde, deslocando o foco exclusivo do risco individual para os contextos sociais, históricos e institucionais que produzem adoecimento e morte evitáveis [5,8,12,14].

Do ponto de vista da comunicação em saúde, o material buscou evitar discursos moralizantes e/ou culpabilizantes, especialmente ao tratar do autoexame, do estilo de vida e dos fatores de risco. Ao reconhecer limites estruturais ao acesso ao cuidado, o folder se afasta de uma pedagogia normativa e se aproxima de uma educação em saúde dialógica, inspirada em pressupostos freireanos, que valorizam a autonomia, o respeito aos sujeitos e a construção compartilhada de sentidos sobre o cuidado [15]. Por outro lado, a explicitação de direitos — como o acesso gratuito à mamografia pelo SUS, o respeito ao nome social e a exigência de atendimento humanizado — reforça o caráter do folder como instrumento de advocacy em saúde, alinhado à Política Nacional de Humanização e às discussões sobre clínica ampliada [16]. Nesse sentido, o material contribui não apenas para a conscientização da população, mas também para a formação crítica de estudantes e profissionais da saúde, ao explicitar que prevenir o câncer de mama é inseparável do enfrentamento ao racismo, ao machismo, à transfobia e às desigualdades de acesso aos serviços de saúde [17].

Assim, a experiência relatada demonstra que a produção e utilização de folders educativos, quando orientadas por uma perspectiva crítica e interseccional, podem fortalecer práticas de promoção da saúde comprometidas com a equidade, a justiça social e os princípios do SUS, ampliando o alcance pedagógico e político das ações educativas em saúde. Neste sentido, a inclusão de pessoas trans e não binárias no debate sobre câncer de mama também evidencia a dimensão política da prevenção. A ausência de reconhecimento dessas identidades nos serviços de saúde compromete o acesso ao rastreamento, produz constrangimentos e afasta usuários dos cuidados preventivos. Assim, prevenir implica, necessariamente, garantir ambientes de cuidado livres de discriminação, capazes de acolher a diversidade de corpos e identidades. Neste sentido, salienta-se que o rastreamento do câncer de mama em pessoas transgênero representa um desafio ainda pouco explorado, marcado por lacunas de conhecimento e barreiras estruturais no sistema de saúde [18].

Portanto, e por essas razões, a experiência de elaboração do folder revelou-se potente não apenas como estratégia de educação em saúde voltada à comunidade, mas também como dispositivo formativo na educação médica. Ao articular conhecimento biomédico com determinantes sociais da saúde, a atividade favoreceu o desenvolvimento de uma postura crítica, sensível às iniquidades e comprometida com os princípios do SUS. Nesse sentido, a prevenção do câncer de mama, quando abordada sob uma perspectiva de gênero e direitos, torna-se um campo privilegiado para questionar modelos biomédicos reducionistas e promover uma clínica ampliada, orientada pela equidade. A formação médica, ao incorporar esse tipo de abordagem, contribui para a construção de profissionais capazes de reconhecer e enfrentar desigualdades, indo além da mera aplicação de protocolos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do folder educativo sobre câncer de mama como uma questão crítica de gênero, atravessada por desigualdades raciais, sociais e identitárias, constituiu uma experiência formativa relevante, ao integrar educação em saúde, diversidade de gênero e reflexão sobre desigualdades étnico-raciais. Em conjunto, frente e verso configuram o folder como uma tecnologia educativa em saúde que ultrapassa o caráter informativo tradicional, articulando prevenção do câncer de mama, comunicação em saúde, direitos, gênero e equidade. O material promove não apenas a conscientização sobre o rastreamento mamográfico, mas também a reflexão crítica sobre quem acessa o cuidado, em que condições e sob quais barreiras, alinhando-se aos princípios do SUS, da educação em saúde crítica e da formação humanística em saúde.

O trabalho evidencia que estratégias pedagógicas baseadas em metodologias ativas podem contribuir significativamente para a formação de profissionais mais críticos, éticos e socialmente comprometidos. Mais do que transmitir informações, o material buscou estimular o autocuidado, ampliar o acesso ao conhecimento e promover a equidade no cuidado em saúde. Nesse sentido, iniciativas semelhantes devem ser incentivadas na formação médica, fortalecendo práticas educativas alinhadas aos princípios do SUS, da justiça social e da atenção integral à saúde da mulher em sua pluralidade.

REFERÊNCIAS

1. Dias NC. O câncer de mama e a saúde da “mulher”: a campanha Outubro Rosa e as políticas públicas de prevenção em torno do corpo “feminino”. In: *Anais do 33º Simpósio Nacional de História (SNH 2025)*; 13–18 jul 2025; Belo Horizonte, Brasil. Belo Horizonte: ANPUH; 2025. p. 1-10.
2. Instituto Nacional de Câncer (INCA). Câncer de mama [Internet]. Rio de Janeiro: INCA; 2024 [citado 2025 set 15]. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/mama>
3. Instituto Nacional de Câncer (INCA). INCA investiga por que há mais casos de câncer de mama agressivo nas brasileiras negras [Internet]. Rio de Janeiro: INCA; 2024 out 2 [citado 2025 set 15]. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/noticias/2024/inca-investiga-por-que-ha-mais-casos-de-cancer-de-mama-agressivo-nas-brasileiras-negras>
4. Instituto Nacional de Câncer (INCA). Folder câncer de mama [Internet]. Rio de Janeiro: INCA; 2024 [citado 2025 set 15]. Disponível em: <https://ninho.inca.gov.br/jspui/bitstream/123456789/16925/2/Folder%20c%C3%A2ncer%20de%20Mama-Web.pdf>
5. Soares LHM. La misma nota, forever e Las biuty queens: travestilidades em trânsito nas narrativas de Iván Monalisa Ojeda [tese]. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas; 2024. 252 p. Disponível em: https://www.academia.edu/117183694/La_misma_nota_forever_e_Las_biuty_queens_Travestilidades_em_tr%C3%A2nsito_nas_narrativas_de_Iv%C3%A1n_Monalisa_Ojeda
6. Miranda JFO, Amâncio AM, Rodrigues GAP, Cardoso BO, Figueiredo PVS, Batista JAA, et al. Folder educativo como estratégia de promoção e prevenção em saúde coletiva: vacinas no contexto pandêmico. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*. 2024;17(1):8832-47. doi:10.55905/revconv.17n.1-533. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/378065819_Folder_educativo_como_estrategia_de_promocao_e_prevencao_em_saude_coletiva_vacinas_no_contexto_pandemico
7. Brasil. Ministério da Saúde. Caderno de educação popular em saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_educacao_popular_saude_p1.pdf
8. Benigno GGF, Cordeiro JH. Folder educativo como tecnologia leve-dura para promoção do acesso à informação e acolhimento da população trans em um ambulatório especializado. *Rev. Inic. Pesq. Psicol. Marília* [Internet]. 2024 [citado 2025 dez 31];4(2):e17953. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR/article/view/17953/20288>
9. Crenshaw K. Intersectionality: more than two decades later [Internet]. New York: Columbia Law School; 2017 [citado 2025 set 17]. Disponível em: <https://www.law.columbia.edu/news/archive/kimberle-crenshaw-intersectionality-more-two-decades-later>
10. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2018.
11. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
12. Barbosa AC, Oliveira SS, Oliveira RG. Vulnerabilidades mediando o encontro do cuidado em saúde: por uma agência interseccional. *Cien Saude Colet*. 2024;29(7):e04352024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tVg5R9w4RYD3QXCjqdQJgHK/?format=pdf&lang=pt>
13. Brasil. Ministério da Saúde. Atenção integral à saúde da população trans. Brasília: Ministério da Saúde; 2015.
14. Paiva CR, Farah BF, Duarte MJ de O. A rede de cuidados à saúde para a população transexual. *Physis* [Internet]. 2023;33:e33001. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/LyTFNLCx5T7S76ZCJrMFWWk/?format=pdf&lang=pt>
15. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011.

Edição Temática: Diversidade Étnica e Cultural na Medicina: Saberes, Práticas e Desafios Contemporâneos

15. [16. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização: HumanizaSUS. Brasília: Ministério da Saúde; 2004. Disponível em: \[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf\]\(https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf\)](#)
16. [17. Cardoso PFG, Shimizu MA. Violência obstétrica e LGBTQIA+fobia: o entrelaçamento de opressões e violações. Ciênc saúde coletiva \[Internet\]. 2024;29\(4\):e20072023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024294.20072023>](#)
17. [18. Lopes ALC, Cardoso LM, Felber BS, Billegas ALL. Desafios e perspectivas do rastreamento mamográfico em pessoas transgênero: inclusão, acessibilidade e protocolos clínicos. Arch. Health \[Internet\]. 2025 Aug. 14 \[cited 2026 Jan. 1\];6\(4\):e2946. Disponível em: <https://ojs.latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/ah/article/view/2946>](#)



Esta obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](#).